AMORES PERDIDOS
OU

ROSA DOS VENTOS
(As viagens de Ana)
1981 A 1999

1. NORTE
2. SUL
3. LESTE
4. OESTE

maria silvana ramos

Este livro é dedicado aos meus amigos de uma época de magia, que me proporcionaram a alegria do sonho.
Obrigada Diamantino Barrionuevo Junior, Cleide (cúmplice) e Cida, minhas amiga de Unaí,
Ao Ted, o sempre Robson, Ronaldo e todos daquela época que nem se lembram que forjaram a minha personalidade!!!!!

Não vou esquecer de minha filha Aline que foi minha parceira paciente e amorosa nesse finalmente....

Índice

PREFÁCIO 04
PARA VOCÊ..... 05
RETORNANDO A LONDRES..... 06
CHEIRO DE GADO E SOJA..... 10
NO ESCURO DAS MATAS..... 14
O ÍDOLO..... 20
BAILARINA DA MANTIQUEIRA..... 26
AMORES PERDIDOS..... 31
O DESERTO DO AMOR..... 35
LUCI E O PRESIDENTE..... 52

PREFÁCIO

Como sabem me chamo Ana.
Eu procuro Ian.
Isso todo mundo sabe, eu já o disse naquele livro que ninguém leu.
O que não sabem é o que vivi na busca de Ian.
Mas quero contar-lhes.
Apresento a vocês histórias ouvidas aqui e ali, presenciadas por mim ou contadas por personagens sem nome, que conheci ao longo de minha peregrinação pelo Brasil nessa busca.
São casos simples, às vezes infantis, mas reais, que me comoveram e me deram esperanças.
Não sou absolutamente uma escritora e limito-me, portanto a contar histórias, sem qualquer pretensão.
Para preservar a vida dessas pessoas que gentilmente cruzaram meus caminhos, de uma forma ou de outra, mudei-lhes os nomes, e coloquei acontecimentos em lugares diferentes, mantendo apenas a essência real, imutável e intransferível de suas existências.

Ana

PARA VOCÊ

Você não sabe, mas é muito importante para mim, creio até que é a pessoa mais importante nos últimos dezesseis anos da minha vida!

É você quem carrega o peso dos meus adeuses e o meu coração prenhe de saudade.

É você quem leva de cidade em cidade a minha alma cheia de esperanças e a expectativa de reencontros.

É você, de sua redoma de vidro que guarda a minha vida e a protege dos ladrões da noite, das chuvas, do frio e do sol.

É você, às vezes sem nome, quem faz docemente as curvas para que meu estômago dolorido não sofra, ou minhas lágrimas não se espalhem.

É você quem me leva a conhecer os vales, as montanhas, as planícies e os cerrados.

Juntos, partilhamos o cheiro gostoso das matas, da maresia, dos campos e da terra.

Juntos, ganhamos as estradas do mundo enquanto passamos pelas estações do ano, vistas através de vidros e sobre rodas.

Anônimo você me protege, e anônima rezo por você, motorista de ônibus, dono do meu destino nessa terra!

21/10/97 - Patrocínio

RETORNANDO A LONDRES

Maria Clara me contou uma historinha certa vez, em nosso segundo encontro numa rodoviária de Minas Gerais, enquanto ela fazia sua última visita à família numa roça perto de Aguanil. Era mais ou menos assim:

Psiquê amava Eros. Ele o permitia desde que ela não lhe visse o rosto. Um dia ele dormia e ela iluminou-o com um candeeiro, quando uma gota de óleo despertou-o e ele fugiu. Ela reencontra-o somente após muitas peripécias neste mundo.

Ela disse-me que essa história é o símbolo da trajetória da alma decaída que, após inúmeras provações (encarnações), une-se para sempre ao amor divino.

E como ouvi quietinha e me interessei, ela brindou-me com sua própria história, que traduzo aqui, no meu próprio jeito.

.....

Num lugar qualquer de um motel qualquer de São Paulo, os corpos arfavam na tarde quente, ainda mais quente por causa do vermelho com que eram decoradas as paredes do quarto. O suor escorria por sua pele, brilhando na luz artificial.

"Fora uma loucura - pensava ela - aos trinta e oito anos, com um desconhecido, sem camisinha, e por dinheiro!"

- Realizou seu sonho? - Perguntou amigavelmente.

- Um deles sim.

"Ele fala pouco" - pensou novamente.

- Espere que realize os outros.

Ele esboçou um sorriso triste.

- Breve realizarei o último, o mais importante.

Ele não continuou. Ela vestiu a meia-calça.

- Estou indo.

Ele abriu a cara carteira de couro e retirou um pacote de notas de 100,00, que lhe estendeu.

- Obrigado, valeu cada centavo.

Ela riu.

- Prá mim também.

Ele falou, olhando-a pela primeira vez nos olhos.

- Espero que realize seu sonho.

- Sim, eu realizarei.

- Até um dia. - Seu sorriso de despedida era triste.

- É, até um dia, por aí ...

....

- Como? Você fez mesmo isso? Foi a um motel com um estranho, por dinheiro? Transou sem camisinha?

Ela corou.

- É. Agora vou a Londres. Era a única forma de conseguir realizar esse sonho.

A amiga arregalou os grandes olhos.

- Mas não podia esperar mais um pouco?

- Mais quanto tempo? Tenho trinta e oito anos, desempregada, desiludida, já respiro mal... Mais quanto tempo eu poderia esperar?

As duas sentavam-se num bar na Avenida Paulista, o som dos carros ensurdecendo, a conversa, a poluição deixando a cidade cinzenta e triste.

A amiga deu-lhe a mão, seu rosto suavizado pela compreensão.

- Eu entendo... Ô como entendo!

...

A fumaça dos cigarros e o cheiro de álcool empestavam o pequeno restaurante no início da noite. Dois homens de olhar perdido discutiam a um canto.

- Quer dizer que você pagou uma mulher para que ela transasse com você? Por quê?

- Por que ela foi escolhida. Não é uma garota de programa, uma profissional. E fez por dinheiro pela primeira e última vez!

- Como sabe?

- Eu simplesmente sei.

- E por quê?

- Era do que eu precisava nessa altura da vida!

A voz do amigo tornou-se suave.

- Sente muitas dores?

- Todas do mundo.

....

Londres. Capital da Inglaterra. A velha Albion. A Londinium de Arthur.

O vento frio do início de inverno fustigou-lhe o rosto. Estava enfim no coração de seu sonho.

Ouvia seus passos leves no entardecer. Seu corpo cansado das longas horas de viagem.

Caminhava como que em transe, sentindo os olhos embaçados pelas lágrimas.

Quantos anos, quantos séculos para voltar...

O Big Ben jogava sua sombra no lusco-fusco do dia, e as águas do Tâmisa rebrilhavam à luz das lâmpadas nos postes. Parecia-lhe rever a luz opaca dos lampiões espalhando sua claridade mortiça detendo-se naquele pilar... Não, não era um pilar. Diminuiu os passos e a figura moveu-se, o rosto sendo iluminado pelo néon do século XX. Ela levou um susto.

- Você?

O homem dirigiu-lhe aquele mesmo sorriso triste que vira em seu único encontro.

- É uma coincidência?

- A maior do mundo.

Ele se aproximou.

- Era esse seu sonho?

Ela riu.

- Um deles, sim.

Ele voltou a sorrir.

- Espero que realize os outros.

Ela ficou séria de repente, sentindo os olhos banharem-se de lágrimas.

- Esse é o último.

Ele estendeu a mão, segurando a sua com naturalidade.

- É outra coincidência?

Ela olhou-o.

- A segunda maior do mundo.

Sem nada dizer, caminharam ao longo do Tâmisa, suas silhuetas negras se desenhando nos reflexos da luz sobre as águas. Luz e sombra. Sonho e realidade. Vida e Morte. Maria Clara e Pedro.

...

Fiquei a pensar que às vezes os sonhos se realizam de formas muito estranhas, e todas as vezes que venho aqui me lembro daquela mulher doce e tranqüila que conheci.

09.10.97

----------xxxxxxxxxx----------

CHEIRO DE GADO E SOJA

Por um lado a viagem a Unaí era quase um martírio. Aquele ônibus cheirando a mijo de criança, fragmentos de bolacha e batata frita no assoalho, passageiros com rádio ligado chiando, donde se ouviam músicas verdadeiramente esdrúxulas, crianças gritando a plenos pulmões às duas da manhã e pessoas que peidavam desavergonhadamente, tiravam o sapato e tênis, e o fedor, verdadeira catinga, empesteando o ar confinado qual nuvem espessa impregnando na pele, roupas e cabelo...

E foi em meio a essa balbúrdia que a vi.

Ela estava sentadinha, quietinha tendo uma poltrona vazia ao lado. Era miúda e de riso fácil, percebível pelas rugas nos cantos dos lábios. Não era feia nem mesmo bonita, era apenas uma mulher normal. Percebi que nem sequer enxergava as pessoas que entravam naquela rodoviária, pois estava vivendo outra dimensão, que ninguém alcançava. Acontece que duas horas após termos partido de Cristalina, o ônibus quebrou a corrente, e ficamos parados quase duas horas. E no vai e vem de descer do veículo e fumar, vimo-nos lado a lado escutando o mugido do gado no pasto, e sentindo o cheiro da soja que era colhida. Conversa vai, conversa vem, ela disse num rompante:

- Você tem saco para ouvir um romance?

Nem pisquei. Eu sabia que ela tinha alguma coisa no peito que tinha de partilhar com alguém. Por isso, olhei-a mansa e acendi outro cigarro.

- Claro, pode contar...

E ela contou. Eis sua história:

...

Quando conheci o PRODECER, eu disse a mim mesma: “O que estou vendo é o maior projeto de minha